

ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO

ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO

1 INTRODUÇÃO

Esta análise tem como objetivo a apresentação de um panorama geral do mercado de trabalho brasileiro no primeiro quadrimestre de 2014¹ com base, principalmente, nos indicadores da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As informações da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), serão utilizadas de forma complementar. A evolução dos principais indicadores de desempenho do mercado de trabalho será interpretada à luz dos resultados obtidos nos anos anteriores, focando principalmente no mesmo período do ano de 2013, de modo a minimizar interferências de ordem sazonal.

A fim de balizar os resultados sobre o desempenho do mercado de trabalho, será feita uma breve descrição do ambiente macroeconômico de 2014, com base nas informações disponíveis para o período.² Os indicadores de atividade econômica, nos primeiros meses de 2014, reforçaram a tendência de baixo dinamismo do nível de atividade presente desde o segundo semestre do ano passado. O crescimento de 0,2% do produto interno bruto (PIB) brasileiro, no primeiro trimestre de 2014, em comparação ao trimestre imediatamente anterior, corrobora essa impressão, bem como o crescimento anual de 1,9% no primeiro trimestre de 2014, contra 3,5% no segundo trimestre de 2013. Os indicadores com informações disponíveis para o mês de maio de 2014 divergem a respeito da tendência mais recente, com a produção industrial em queda (-3,3% nos doze meses anteriores a maio de 2014) e crescimento das vendas no varejo (4,8% nos doze meses anteriores a maio de 2014).

O cenário econômico não muito favorável parece ter afetado o comportamento dos agentes no mercado de trabalho, tanto pelo lado da demanda, como pelo lado da oferta. Vê-se que a taxa de atividade apresenta valores bem abaixo dos registrados nos últimos anos e o nível de ocupação se mantém estagnado em relação a 2013.

1. Conforme realçado na apresentação dessa publicação, o período aqui analisado não coincidirá com o primeiro semestre em virtude das dificuldades enfrentadas pelo IBGE na coleta de dados para algumas regiões metropolitanas nos meses de maio e junho.

2. Todos os números que fundamentaram esse panorama macroeconômico estão disponíveis na sinopse macroeconômica do Ipeadata, disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>> e na Carta de Conjuntura de junho de 2014 do Ipea, disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>.

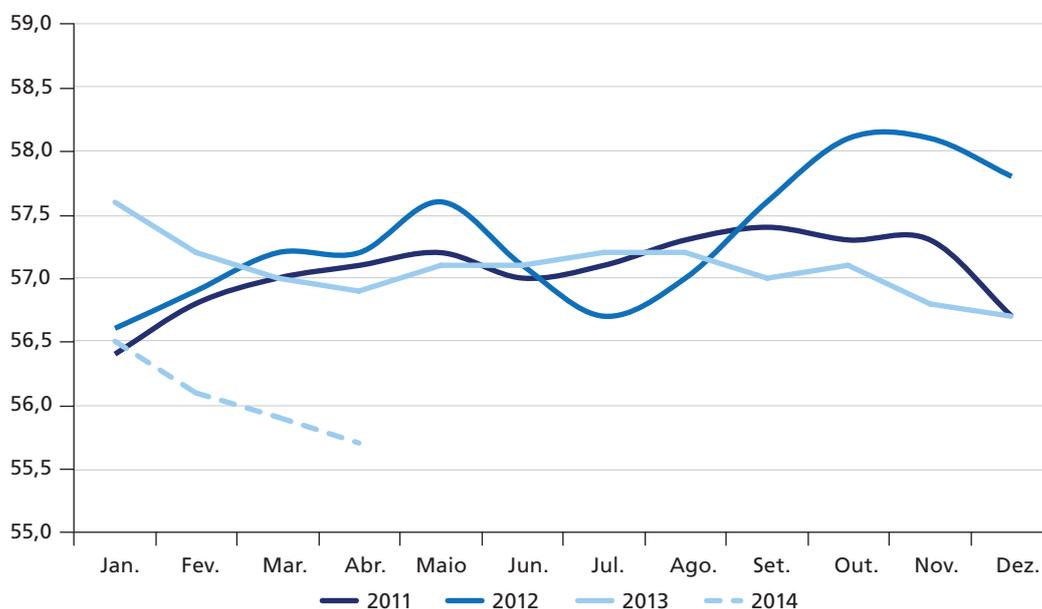
2 TAXA DE ATIVIDADE

O gráfico 1 ilustra a evolução da taxa de atividade ao longo dos anos de 2011 a 2014.³ A tendência de queda desse indicador chama atenção. A taxa média do primeiro quadrimestre de 2014 caiu 2,0% quando comparada ao mesmo período do ano anterior. Ao longo de 2014 a taxa decresceu 0,9 ponto percentual (p.p.), chegando ao patamar de 55,7% em abril. Esse é o menor nível registrado desde dezembro de 2002.

Diante da relevância do movimento reportado para a taxa de participação, nos parece interessante analisar sua evolução de forma desagregada para, eventualmente, detectar algum grupo da população que tenha contribuído, de forma mais incisiva, para a queda observada nesse indicador. Nesse sentido vale destacar a evolução da taxa de participação para as pessoas com 8 a 10 anos de estudo e para as mulheres, que apresentam quedas de 3,8% e 2,7%, respectivamente, no primeiro quadrimestre de 2014, quando comparada ao mesmo período do ano anterior.

GRÁFICO 1

Taxa de atividade (2011-2014)
(Em %)



Fonte: PME/IBGE.

Na análise comparativa da média entre os primeiros quatro meses de 2013 e 2014, por região metropolitana (RM), a taxa de atividade aumenta somente para Salvador (1,3 p.p.), enquanto Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre apresentam redução nesse indicador (-1,2 p.p., -1,7 p.p., -1,4 p.p., -1,3 p.p. e -1,0 p.p., respectivamente).

3. Taxa de atividade ou taxa de participação é o percentual de pessoas economicamente ativas (PEA) em relação às pessoas em idade ativa (PIA).

3 TAXA DE DESOCUPAÇÃO

O gráfico 2 mostra a trajetória da taxa de desemprego para os anos de 2011 a 2014. No primeiro quadrimestre de 2014, ela apresentou um valor médio de 5,0%, ficando 0,6 p.p. abaixo do verificado para o primeiro quadrimestre de 2013. Nos dois primeiros meses do ano, há um crescimento na taxa de desemprego, como é padrão para esse indicador. Entretanto, neste ano a trajetória de aumento já é interrompida em março, o que não é comum de ser observado nos dados da PME.

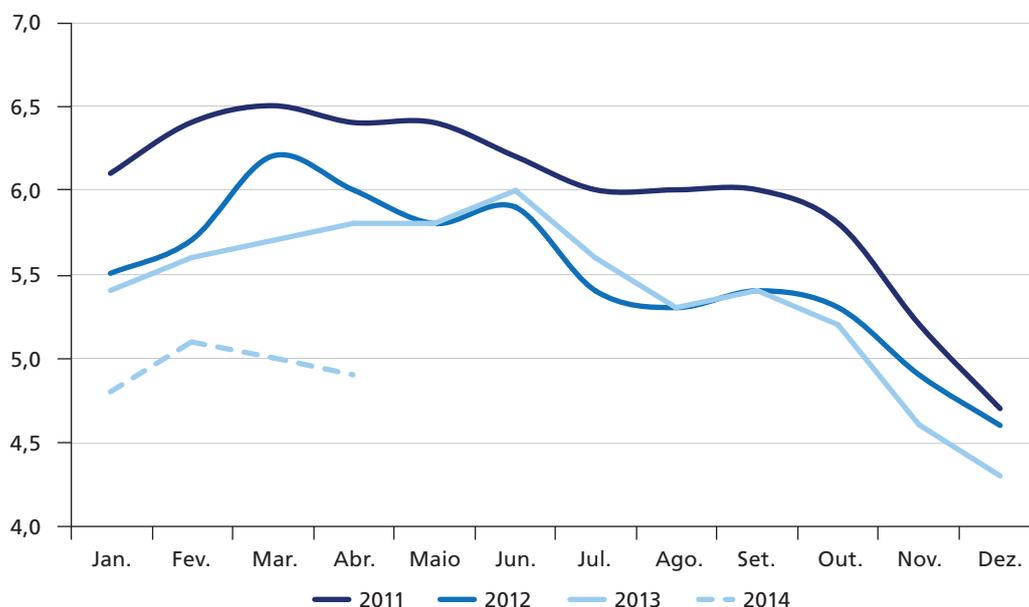
Esse aparente bom desempenho da taxa de desemprego deve ser relativizado tendo em vista a trajetória de queda na taxa de participação analisada acima. Ou seja, há menos pessoas no mercado de trabalho ofertando sua força de trabalho e isso contribui para a manutenção do desemprego em patamares relativamente baixos. Para se ter uma ideia, a taxa de desemprego média no primeiro quadrimestre de 2014 seria de 6,8% caso a taxa de participação se mantivesse no patamar observado no primeiro quadrimestre de 2013.

Para entender melhor a evolução dessa taxa entre o primeiro quadrimestre de 2013 e o de 2014, é interessante desagregá-la segundo características da força de trabalho, com o intuito de identificar algum grupo cuja influência sobre a evolução da taxa agregada tenha se destacado.⁴ Na desagregação por idade, os grupos que apresentaram maior queda na taxa de desemprego no período de análise foram os indivíduos entre 18 e 24 e 25 e 49 anos (-0,9 p.p. e -0,6pp., respectivamente). Na composição por escolaridade, o grupo que apresentou maior redução no indicador foi o com 8 a 10 anos de estudo (-0,8 p.p.). O fato desse último grupo também ter apresentado queda expressiva na taxa de participação sugere uma influência forte desse grupo na dinâmica comentada acima e caracterizada pela combinação de queda na taxa de participação e queda na taxa de desemprego.

GRÁFICO 2

Taxa de desocupação (2011-2014)

(Em %)



Fonte: PME/IBGE.

4. Ver anexo estatístico.

Ao observar esse indicador desagregado por região metropolitana (RM), pode-se notar que, entre 2013 e 2014, o resultado é positivo para a maior parte das RMs que apresentam decréscimo da taxa de desocupação. O destaque negativo fica por conta de Salvador, que apresentou aumento médio na taxa de desocupação de 2,1 p.p. Nas demais RMs essa comparação anual apresenta queda.⁵

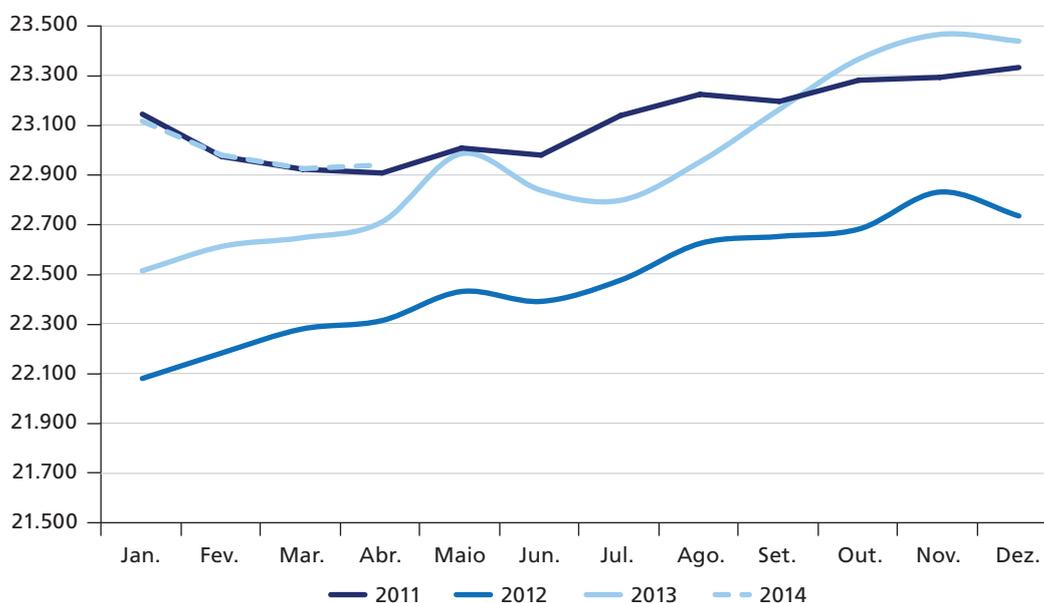
Tal como a PME, a taxa de desemprego na PED apresenta um recuo no primeiro quadrimestre de 2014 em comparação ao mesmo período de 2013. Na PED a magnitude desse recuo fica em 5,83%. Cabe destacar, também, que a maior queda foi observada na RM de Fortaleza, a qual registrou uma variação de -11,08%, e o maior aumento foi registrado em Belo Horizonte, com 21,24%.⁶ Ambas as taxas foram comparadas entre o primeiro quadrimestre de 2014 e o mesmo período de 2013.

4 OCUPAÇÃO E INFORMALIDADE

A população ocupada no primeiro quadrimestre de 2014 revela uma estagnação em relação ao ano anterior, com uma geração de apenas 2 mil postos de trabalho, quando comparada com o mesmo período de 2013. Esse desempenho é bem inferior ao que foi registrado nos últimos anos. Ainda mais preocupante é notar que o nível da população ocupada diminuiu nos primeiros meses de 2014, tendo experimentado um ligeiro aumento apenas no mês de abril, quando atingiu a marca de 22,941 milhões de indivíduos ocupados nas RMs cobertas na amostra da PME. A evolução mensal deste indicador entre os anos de 2011 e 2014 é apresentada no gráfico 3.

Esse comportamento da ocupação total nos leva a crer que o baixo dinamismo no nível de atividade vem afetando o mercado de trabalho e que o principal motivo da manutenção de baixos patamares na taxa de desemprego se deve ao recuo na taxa de participação.

GRÁFICO 3
Número de ocupados (2011-2014)
(Em milhares)



Fonte: PME/IBGE.

5. Na comparação da média trimestral de 2014 com 2013, as demais regiões apresentaram os seguintes resultados: Salvador e Rio de Janeiro, -0,7 p.p.; Belo Horizonte, -0,6 p.p.; e Porto Alegre, -0,5 p.p.

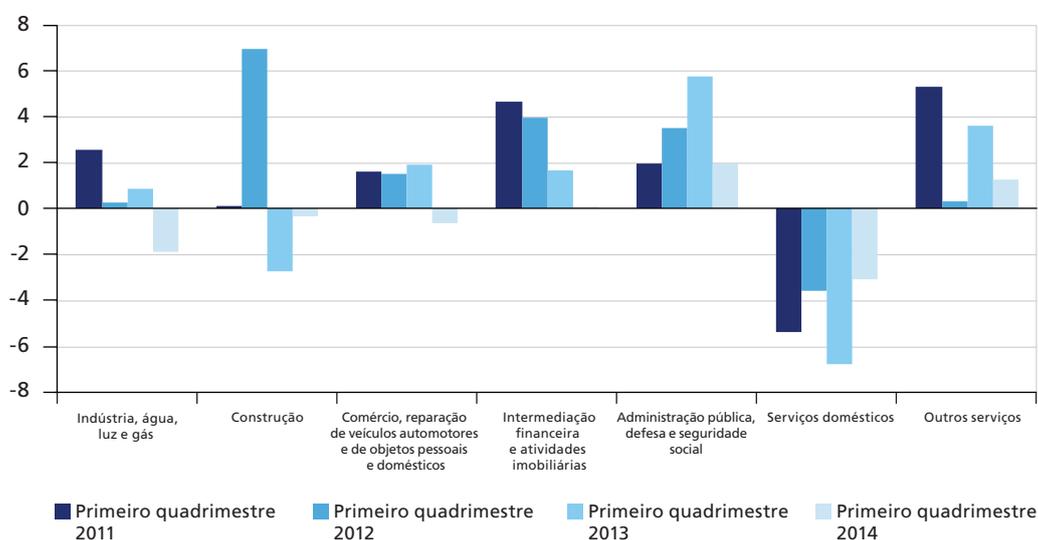
6. Na comparação da média quadrimestral de 2014 com 2013, as demais regiões apresentaram os seguintes resultados: São Paulo, 1,64%; Porto Alegre, -8,24%; Salvador, -7,62%; e Recife, -5,53%.

Entre as regiões metropolitanas cobertas pela PME, com exceção de Salvador e São Paulo, que tiveram variações positivas de 1,37% e 0,44%, respectivamente, Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Porto Alegre tiveram reduções ao comparar o desempenho médio da ocupação do primeiro quadrimestre de 2014 com os valores médios do mesmo período de 2013. Nessa comparação, destacam-se Recife e Belo Horizonte, que obtiveram o decréscimo de 1,29% e 1,24% no período de análise.⁷

No gráfico 4 verifica-se o comportamento da variação do nível de ocupação ao longo dos quatro primeiros meses de 2011 a 2014 para diferentes setores de atividade. Nele pode-se notar que a maioria dos setores apresentam queda no primeiro quadrimestre de 2014. Entre os setores analisados, administração pública,⁸ intermediação financeira⁹ e outros serviços¹⁰ destoam como exceções à tendência de queda prevalente nos demais setores. As quedas mais expressivas são registradas para o setor de serviços domésticos¹¹ (3,08%) e para a indústria¹² (1,86%).

GRÁFICO 4

Varição quadrimestral do nível de ocupação por setor de atividade (2011-2014)
(Em %)



Fonte: PME/IBGE.

Com relação ao CAGED, cabe dizer que os dados apresentaram impressões um pouco distintas das verificadas com base na PME. É importante frisar as diferenças de cobertura destas duas fontes de informação.¹³ No gráfico 5, tem-se a análise quadrimestral da variação da ocupação por setor de atividade dos anos de 2011 a 2014. No CAGED a tendência é positiva em quase todos os setores, sendo o comércio a única exceção ao registrar um

7. O decréscimo das demais RMs pesquisadas entre o primeiro quadrimestre dos anos de 2013 e 2014: Rio de Janeiro, 0,1%; e Porto Alegre, 0,41%.

8. Esse agrupamento abrange, além de administração pública, educação, saúde, serviços sociais, defesa e seguridade social.

9. Esse agrupamento abrange, também, os serviços prestados a empresas, aluguéis e atividades imobiliárias.

10. Esse agrupamento abrange as seções de alojamento e alimentação, transporte, armazenagem e comunicação.

11. Esse agrupamento abrange atividades de unidades domésticas que contratam empregados domésticos, tais como: cozinheiros, copeiros, arrumadeiras, motoristas, lavadeiras, passeadeiras, babás, jardineiros, governantas, caseiros etc. para atender às necessidades de seus residentes.

12. Nesse agrupamento, as atividades consideradas são indústria extrativa e transformação e produção e distribuição de eletricidade, gás e água.

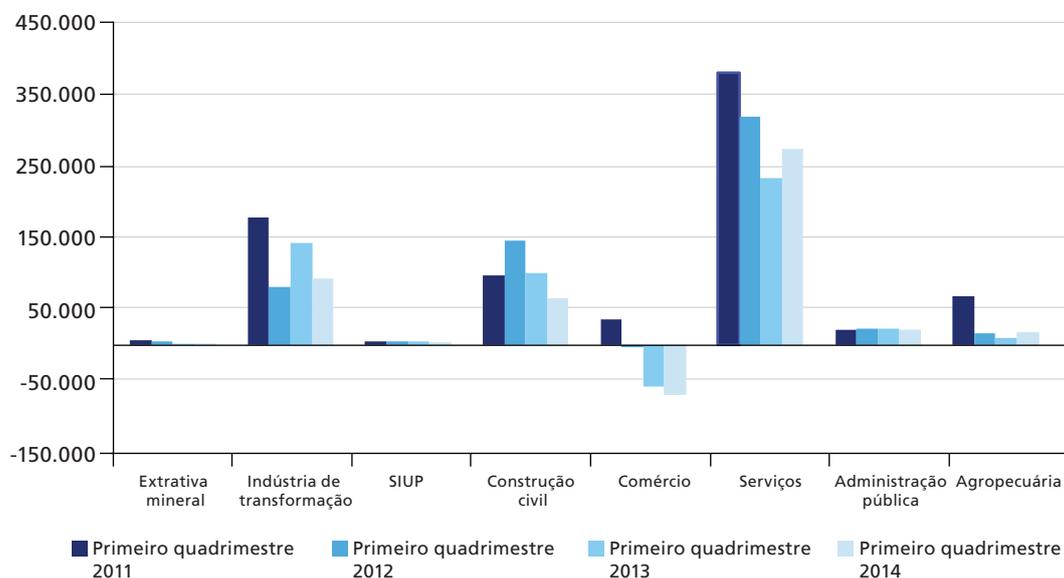
13. Por um lado o CAGED cobre todo o território nacional; por outro, essa fonte de informação lida apenas com os vínculos formais.

saldo líquido negativo entre admissões e desligamentos. Vale ressaltar o contraste com a PME em particular para a indústria que registra um saldo positivo no CAGED.

GRÁFICO 5

Varição quadrimestral do nível de ocupação por setor de atividade (2011-2014)

(Em milhares)

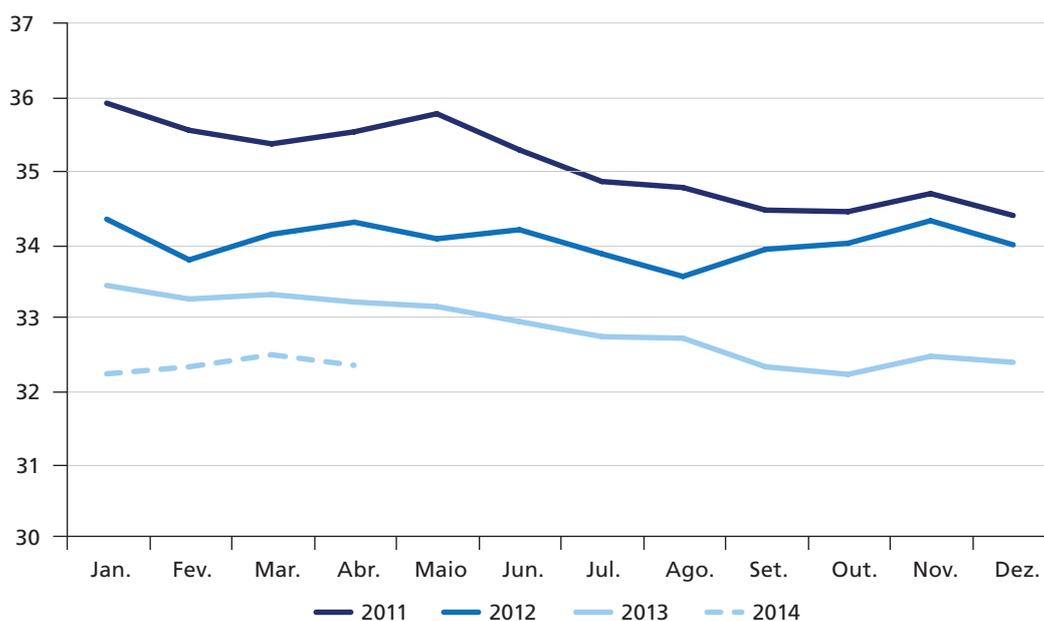


Fonte: CAGED/MTE.

Analisando a evolução da população ocupada por posição na ocupação, o destaque fica por conta dos ocupados por conta própria, que registraram um crescimento de 4,14% no primeiro quadrimestre de 2014 em relação ao mesmo período de 2013, o que equivale, em valores absolutos, a 171 mil novos ocupados por conta própria. Na outra ponta, os empregados sem carteira assinada registraram um decréscimo de 10,79%. Já o contingente de empregados com carteira assinada registrou um aumento de 1,3% para o primeiro quadrimestre de 2014 em comparação ao mesmo período de 2013.

O contraste entre os resultados dos grupos de empregados com e sem carteira assinada moldam a evolução do grau de informalidade, que também sofre influência do grupo de trabalhadores por conta própria. O gráfico 6 permite dizer que a taxa de informalidade média da população ocupada no primeiro quadrimestre de 2014 ficou em 32,4%, o que representa uma queda de 0,9 p.p. em relação ao primeiro quadrimestre de 2013. Vale destacar que nos primeiros meses de 2014 houve uma reversão na tendência de queda da informalidade que vinha sendo registrada ao longo de 2013. Em função disto, a diferença entre os valores registrados em 2014 e aqueles registrados em 2013 foi caindo mês a mês, atingindo 0,8 p.p. em abril, quando a taxa de informalidade foi de 32,4%.

GRÁFICO 6
Evolução do grau de informalidade (2011-2014)
 (Em %)

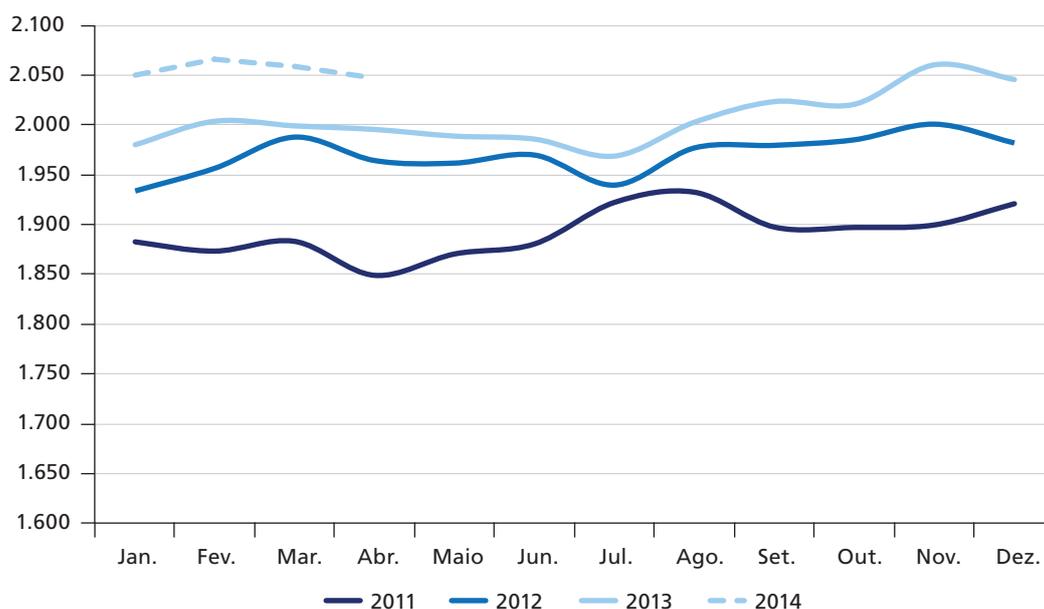


Fonte: PME/IBGE.

5 RENDIMENTO E MASSA SALARIAL

O rendimento médio real habitualmente recebido registrou um ganho médio de 3,2% no primeiro quadrimestre de 2014 em comparação ao mesmo período de 2013, ficando em torno de R\$ 2.036,73 e registrando o valor de R\$ 2.028,00 em abril. No gráfico 7 é possível notar também que, apesar de se manter em patamares superiores em comparação com os anos anteriores, o rendimento real aumentou apenas entre janeiro e fevereiro e entrou em uma suave trajetória de declínio desde então.

GRÁFICO 7
Rendimento médio real habitual (2011-2014)
 (Em R\$)

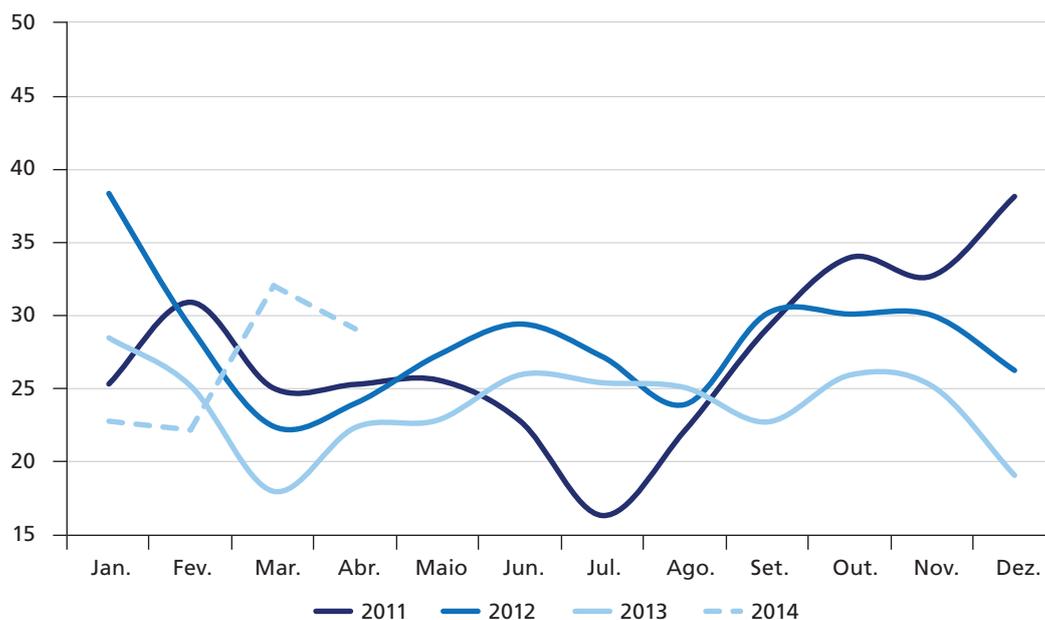


Fonte: PME/IBGE.

A elevação dos rendimentos entre o primeiro quadrimestre de 2014, quando comparado ao mesmo período de 2013, foi registrada para os trabalhadores com carteira assinada (2,4%) e em menor medida para o trabalhador por conta própria (0,1%). Os trabalhadores do setor público e aqueles sem carteira tiveram o rendimento real praticamente inalterado. Consequentemente, o diferencial salarial entre empregados com e sem carteira cresceu 9,2% entre os primeiros quadrimestres de 2013 e 2014. A evolução desse diferencial é reportada no gráfico 8. É notável o crescimento abrupto desse diferencial nos meses de março e abril de 2014.

GRÁFICO 8

Diferencial de rendimentos entre os trabalhadores com e sem carteira (2011-2014)
(Em %)



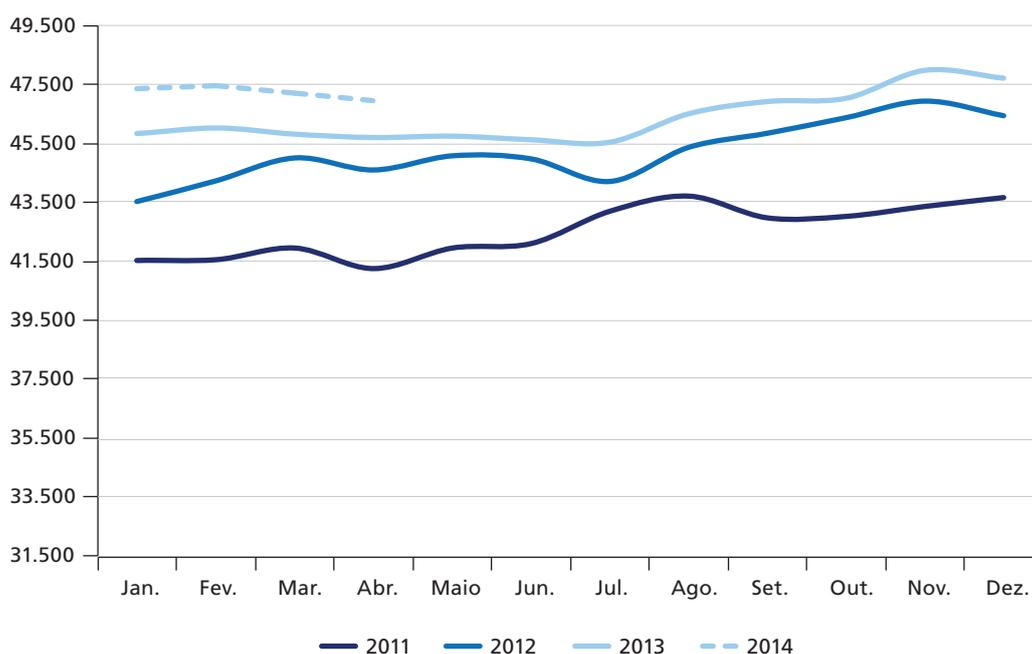
Fonte: PME/IBGE.

No plano regional, entre os quadrimestres analisados, as maiores variações positivas foram para o Rio de Janeiro e Porto Alegre, registrando um aumento de 6,0% e 5,1%, respectivamente.¹⁴

No gráfico 9 observa-se a evolução da massa salarial no período de 2011 ao primeiro quadrimestre de 2014. Pode-se notar que este indicador vem se mantendo estável neste último período. Esse comportamento também pode ser observado no primeiro quadrimestre do ano anterior. A variação da média do primeiro quadrimestre de 2014, quando comparada com o mesmo período de 2013, foi de 3,2%.

14. Crescimento das demais RMs pesquisadas entre os primeiros quadrimestres de 2013 e 2014: Recife, 2,42%; São Paulo, 2,16%; Salvador, 1,65%; e Belo Horizonte, 1,19%.

GRÁFICO 9
Massa salarial
(Em bilhões)



Fonte: PME/IBGE.

A elevação dos rendimentos reais de 2013 para 2014 torna o comportamento do mercado de trabalho um tanto intrigante. Por um lado, observa-se um arrefecimento na participação das pessoas em idade de trabalhar, o que torna lícito conjecturar que o mercado de trabalho está menos atrativo; por outro, o aumento das remunerações justifica defender exatamente o oposto. A resposta a essa contradição irreconciliável em termos agregados parece passar pela avaliação de mudanças no contingente dos ocupados, notadamente em termos educacionais e regionais e, talvez até mais reveladora, a inspeção do perfil das pessoas que estão se retirando do mercado. Esses temas colocam-se, então, como pontos importantes da agenda de pesquisa do futuro imediato.

